

A GLOBALIZAÇÃO PERVERSA E O PAPEL DO ENSINO DE GEOGRAFIA

Carlos Laete Rodrigues Pascoal

Orientador : César Alvarez

1 – Introdução

Como nos é colocado por Antônio Carlos Robert Moraes em sua pequena grande referência bibliográfica, “Geografia: Pequena História Crítica”, o conhecimento e o pensamento geográfico foram apropriados de diversas formas pelos diversos contextos socioespaciais, em diversos momentos e particularidades do desenvolvimento do modo de produção capitalista.

Tal ponto de vista nos abre a possibilidade de buscar compreender perspectivas já muito discutidas pela sociologia da educação a respeito da funcionalidade da escola frente à estrutura econômica capitalista, bem como de um ensino de geografia que possibilite uma melhor aplicabilidade do conhecimento geográfico e que seja capaz de desencadear mudanças estruturais de modo a possibilitar a construção de um outro mundo possível.

Isso porque ao mesmo tempo em que poucas alternativas são percebidas frente às conjunturas impostas por uma nova ordem avassaladoramente poderosa, de caráter condenável e desumano (porém invisível), diversas e facilmente perceptíveis são as problemáticas socioambientais que se agravam em todo mundo, como a questão do aquecimento global, guerra, fome, desigualdade, caos urbano.

Esta ordem de que falamos constitui a forma moderna de apresentação do modelo capitalista de reprodução do capital, que na sua busca por mais valia, se apoderou das inovações tecnológicas oriundas da terceira revolução técnico-científica, estabelecendo um mercado a nível global e configurando uma nova lógica de produção socioespacial. Por meio desta, o paradigma ocidental capitalista de produção das sócio-espacialidades pode expandir-se, praticamente hegemônico, na organização da vida humana em todas as suas esferas (política, econômica e cultural), acarretando em um conjunto complexo de transformações nas diversas esferas de (re) produção da sociedade de uma maneira geral, em uma escala global; a globalização.

E assim, por meio de uma série de situações coercitivas, que nos cercam, nos oprimem, nos inibem e nos impõe um sistema de conjunturas incrivelmente complexas, e por meio de uma

manipulação e do controle de acesso à informação, tal fenômeno termina por criar uma perceptível situação de confusão e descrença desencadeando conformismos, frustração e revolta no seio social.

“Estes novos fatores resultam em um mundo confuso, porque cada vez mais complexificado, principalmente pelas ciências e técnicas (sistema técnico) da informação; e confusamente percebido, devido aos obstáculos e armadilhas impostas ao entendimento a respeito da desumana lógica funcional do sistema capitalista e da sua nova aparência que se estabelece”[15].

E, deste modo, o que temos é que as promessas de desenvolvimento, modernidade e progresso, se demonstram cada vez mais inconsistentes diante do perceptível aprofundamento dos problemas sociais no mundo todo. O modelo capitalista de produção das sócio-espacialidades, bem como todo o paradigma ocidental moderno de reprodução social, se demonstrou ineficaz ao objetivo maior de humanização do planeta.

Os impactos avassaladores e a aparente inevitabilidade dos fatos (talvez também pela falência do modelo soviético e toda sua representatividade) naturalizam as imposições inerentes ao processo de globalização. Dessa forma, toda a carga ideológica inerente ao paradigma ocidental e a perceptível incapacidade de ação efetiva em que as organizações que se levantaram em combate aos aspectos nocivos desta ordem; terminam por colaborar para aumentar a imobilidade social e política da população, principalmente a população de baixa renda, de modo que se sente a falta de ideologias realmente alternativas, uma vez que, as apresentadas, em geral, constituem remediações, soluções parciais e limitadas, não apresentando críticas ao modelo como um todo, mas combatendo apenas alguns de seus aspectos.

Assim, concordando com Milton Santos [13] quando esse define o referido processo como “produtor de uma perversidade sistêmica”, discorrendo sobre estruturas totalitárias tirânicas constituídas por parte do dinheiro e da informação, e nos coloca que a realidade mundial atual é física e moralmente insuportável para uma enorme massa de indivíduos, e nos encoraja a aguardar que a História, ao ser feita, permita um caminho que não venha agravar ainda mais as carências e piorar as condições, concluindo que de qualquer forma a situação atual deve ser erradicada o quanto antes.

E assim, na medida em que sabemos que o conhecimento geográfico foi apropriado nos diversos momentos históricos, desempenhando diferentes e importantes funções, acreditamos ser necessário discutir a função maior do ensino da geografia e do conhecimento geográfico de um modo geral para o nosso tempo presente.

Buscaremos assim, realizar uma análise do referido processo sobre um olhar geográfico, para podermos em uma segunda parte, atingir o objetivo central do trabalho, onde pretendemos,

perpassando pela questão da instituição escola, discutir a funcionalidade do ensino da Geografia e do conteúdo geográfico frente ao referido processo, de modo a buscar apreender (sem determinar) perspectivas de atuação que possam efetivar o que acreditamos ser sua mais importante potencialidade: alterar a lógica de reprodução e consolidação do atual processo em seu caráter perverso, no estabelecimento de um modelo de desenvolvimento humano.

Para tanto, levamos em consideração as colocações apresentadas por grandes sociólogos, como Bourdieu e Gramsci, sobre a escola e sua relação com a estrutura socioeconômica vigente e tomamos as categorias geográficas como instrumentos para a compreensão da realidade espacial, ou seja, como instrumentos de intermédio entre o sujeito e fragmentos de mundo tomados como objeto de estudo geográfico e que, portanto proporcionam a constituição de conceitos essenciais que possibilitam ao aluno compreender o seu presente e pensar o futuro [16].

2 - A apropriação histórica do conhecimento geográfico e a atualidade: Diferentes contextos e diferentes aplicabilidades

Na obra tomada como importante referencial teórico para este trabalho, Moraes [10] nos coloca que a ocorrência das condições históricas necessárias à sistematização da Geografia enquanto ciência ocorre dentro do processo de avanço e domínio das relações capitalistas de produção, onde a valorização de seus conteúdos, dada por uma mudança ideológica engendrada pela transição do modo de produção e as conjunturas materiais legitimaram a criação de uma disciplina específica dedicada e apoiada nestes respectivamente.

Assim, o autor nos coloca que a problemática definição do objeto de estudo geográfico desemboca em uma grande variabilidade de possibilidades para o tratamento do conteúdo em questão, dada por uma incipiente sistematização epistemológica desta enquanto ciência e fortalecida pela predominância de concepções filosóficas e metodológicas positivistas, constituidoras das bases sob as quais este conhecimento se consolidou, de modo que, em última instância, “explicitar o que é Geografia, passa a ser a explicitação do conteúdo de classe subjacente a cada proposta” [10].

Deste modo, a sistematização da geografia seria, assim, fruto de uma via particular/singular de desenvolvimento capitalista dada na Alemanha, país que à época encontrava-se no estágio avançado de penetração e perpetuação das relações capitalistas, de modo que a discussão geográfica se apresentava relevante a constituição de conjunturas mais compatíveis à lógica socioespacial capitalista. E, do mesmo modo, o revigoramento dado ao processo de sistematização capitalista, dado pelas teorias ratzelianas só são compreensíveis dentro do contexto de legitimação de uma necessária política expansionista por parte do Estado alemão, bem como a Geografia lablacheana francesa, que somente pode ser compreendida dentro do contexto revolucionário francês e de oposição às teorizações de Ratzel.

A compreensão desta associação entre a produção intelectual geográfica e o contexto histórico inerente, por fim, nos leva a mais uma percepção. Na medida em que as mais diversas formulações científicas em geografia encontram-se associadas a um processo maior de reprodução das relações humanas sob um ordenamento/desenvolvimento das relações de produção capitalistas, podemos apreendê-las, deste modo, a partir da ótica em que os questionamentos empreendidos e as respostas obtidas têm por objetivo maior dar conta das novas dinâmicas emergidas do desenvolvimento humano no espaço, que se dá por meio de relações capitalistas.

Neste sentido, podemos compreender a crise que assolou a Geografia, e que de certo modo ainda não foi completamente superada, e o conseqüente levante da corrente denominada por Geografia Crítica, enquanto um movimento que busca reformular e refuncionalizar os objetivos, conceitos e metodologias geográficas, tornados incapazes de expressar a realidade estudada por uma nova lógica capitalista, que se instalando no espaço, o reconfiguram na constituição de novas materialidades e de novas dinâmicas ou, melhor dizendo, novas formas e novos conteúdos.

Seguindo então por esta via, ao aproximar-se da escola, a corrente denominada de Geografia Crítica caracterizava uma necessidade de possibilitar, ao conjunto de futuros cidadãos, a aquisição de um repertório teórico-metodológico capaz de permitir-lhe compreender a nova estrutura sócio-econômica-espacial que se estabelece, e mais do que isso, frente a toda uma gama de problemáticas que se multiplicam em todos os aspectos e escalas da sociedade, garantir-lhe um potencial e um comprometimento com a ação efetiva, de modo a desempenhar o que seria o objetivo último da educação: melhorar a sociedade e o mundo como um todo.

No entanto, pelo que se pode perceber frente à percepção das mudanças de nuances tomadas pela corrente crítica, e por uma análise das aulas, conteúdos, objetivos e metodologias aplicadas nas escolas, principalmente públicas, este movimento não conseguiu alcançar seus objetivos. Os objetivos permanecem destoantes dos conteúdos e estes dois, por sua vez, das metodologias de ensino, quer seja pela falta de políticas e de infra-estrutura, quer seja pelo descomprometimento, pelo descaso e pela descrença dos professores e da sociedade como um todo. E assim, assiste-se a um deficiente desenvolvimento da autonomia intelectual e logo, de um conhecimento/entendimento mais crítico e sistêmico e da capacidade de reflexão a respeito da complexidade sócio-espacial e da realidade mundo por parte dos indivíduos, em caráter individual e coletivo, desenrolando-se em consonância com uma aceitação pacífica, por parte destes, de todas as vicissitudes desencadeadas pela materialização e reprodução desta lógica capitalista globalizada no espaço.

Desta forma, buscaremos apresentar, a seguir, o processo atual de reprodução e desenvolvimento das estruturas capitalistas, de modo a buscar compreender sua lógica funcional e de reprodução, de modo a possibilitar estabelecer perspectivas para a escola, enquanto

instituição reprodutora dos valores e conhecimentos tidos como importantes para a reprodução da sociedade como um todo, e para a Geografia, enquanto ciência do espaço, que viabilizem a constituição e o estabelecimento de uma conjuntura de caráter efetivamente contrário à ordem global imposta.

3- O Fenômeno da globalização

Existem inúmeras divergências nas teorias a respeito da globalização, sendo o mercado um fator decisivo para todas. Alguns autores defendem mesmo que tal processo teria se iniciado nos séculos XV e XVI, com a expansão marítimo-comercial européia, conseqüentemente a do próprio capitalismo e continuado nos séculos seguintes até assumir sua forma atual. A respeito desta discussão muito nos acrescenta Braudel [1], quando discute a questão da expressão economia-mundo, nos apresentando esta enquanto determinada economia que, não necessariamente precisa consistir na totalidade existente na medida em que constitua um todo econômico.

Muito nos acrescenta também, a percepção contida em Harvey [8] da variabilidade sócio-histórica dos modos de regulação da acumulação capitalista, que nos permite considerar que presenciamos hoje, no período do capitalismo tardio em crise, a passagem para um novo regime de acumulação do capital e de um modo de regulação social e político onde predomina a denominada acumulação flexível.

O autor supracitado ainda nos elucida a respeito do referido processo quando nos apresenta que a passagem do fordismo para a acumulação flexível implica em transformações sócio-políticas (e culturais) relevantes, que atingem os vários mecanismos de regulação social e política das múltiplas contradições que permeiam os possuidores de capital e, principalmente, entre os capitalistas e os trabalhadores assalariados. Deste modo tendem a ocorrer alterações importantes nos padrões de concorrência intercapitalista e nas relações entre capital e trabalho [8].

Ou ainda como nos coloca Santos [13], “[...] o movimento de racionalização da sociedade que marcou o século das luzes e o início da revolução industrial foi, pouco a pouco, ocupando todos os recantos da vida social e alcança, agora, um novo patamar, com o que podemos chamar de racionalização do espaço geográfico [...] Essa nova etapa do processo secular de racionalização é essencialmente devida à emergência de um meio técnico-científico-informacional, que busca substituir o meio natural e o próprio meio técnico, produz os espaços da racionalidade e constitui o suporte das principais ações globalizadas.”

Para este trabalho, entendemos a globalização como parte do processo histórico geográfico de desenvolvimento do modelo capitalista de produção sócio-espacial, e sua lógica de reprodução ampliada do capital; onde este necessitando superar obstáculos à obtenção de

lucros, apropria-se por meio de um jogo dialógico das mais diversas formas, processos e fenômenos humanos, criando condições cada vez mais propícias a seu fim maior de estabelecimento de um mercado a nível global.

Assim, o fato é que o fenômeno mundial da globalização atinge, com maior ou menor intensidade, a tudo e todos e atua imprimindo uma série de novas formas à vida cotidiana material e social em nível mundial. O referido processo se dá devido ao fato de o modelo capitalista de produção ter conseguido após 1945, utilizando-se das tecnologias advindas da terceira revolução técnico-científica e de todas as formas de coerção, expandir sua lógica ocidental capitalista de tal forma que, atualmente, encontra-se fortemente consolidado em quase toda a superfície terrestre, em todos os cantos do mundo. No entanto, tal sistema técnico-científico, embora tenha criado as condições de uma nova e moderna visão do mundo, não conseguiu evitar de ser, enquanto paradigma capitalista de produção, uma fonte reveladora de imensas desigualdades sociais, diversidades e fragmentações locais, nacionais e regionais. Uma lógica global preponderante, consolidada principalmente na forma de empresas e instituições transnacionais, cujo objetivo maior é, portanto, realizar (e criar condições para que se realize) uma acumulação de capital via espoliação; choca-se a todo o momento com as mais diversas lógicas, nas mais diversas escalas geográficas. Desta maneira, o que se percebe é que o processo de globalização em marcha acabou com os limites geográficos, mas não eliminou a fome, a miséria e os problemas políticos de milhões de globalizados que vivem (ou sobrevivem) abaixo da chamada linha da pobreza absoluta.

Novamente nos baseamos em Santos [15], quando nos afirma que, a fim de entender o complexo processo de globalização que se desenvolve enquanto fase histórica, é preciso que se entendam dois elementos fundamentais: o estado das técnicas, e o estado da política. Segundo ele o estágio de desenvolvimento dos sistemas técnicos que presidem nosso cotidiano social atualmente, se deu de tal forma que possibilitou ao mesmo, principalmente devido à grande evolução da microeletrônica e das tecnologias de informação, se configurar enquanto um sistema técnico único, capaz de se manifestar a nível planetário, desencadeando fenômenos outros como a total cognoscibilidade do planeta e a unicidade do tempo. No entanto, a globalização é também resultado das ações que asseguram a emergência de um mercado globalizado, responsável pelo essencial dos processos políticos atualmente eficazes.

Ao mesmo tempo, na medida em que o referido sistema técnico se coloca a serviço do capital e sua lógica de reprodução ampliada, a política exercida pelos Estados cada vez mais se transmuta em uma política exercida por empresas, devido à possibilidade de se realizar a produção em escala mundial, expropriar, e obter uma mais-valia universal.

Desta maneira, ainda segundo Santos [15], a grande questão é que desta vez o aumento da possibilidade de entendimento do mundo não veio junto de uma evolução das idéias, que

possibilitasse, também, uma evolução social e moral. O fenômeno da globalização se enquadra dentro e como resposta a mais uma crise capitalista, de modo que a necessidade de aumento de lucros adicionada à possibilidade de obtê-los através de uma produção em escala mundial desencadeia a emergência de uma competitividade em todos os planos, determinando o fim da solidariedade.

A partir desse conjunto de fatores, então, o capital, enquanto força produtiva extremamente móvel e centrado em sua lógica de crescimento ilimitado, assume totalmente o controle sobre a (re) produção (construção e desconstrução) do espaço e subordina todas as relações à sua lógica, de maneira que torna as ações cada vez mais estranhas aos fins próprios do homem e do lugar [13] e, como consequência, temos o agravamento das desigualdades e das problemáticas sociais em escala planetária.

4 - A globalização e a perversidade sistêmica

Estamos inseridos em um período de crise global, onde diversas variáveis do sistema chocam-se e exigem novas definições e arranjos, de maneira que, o que temos, não são crises sucessivas, mas diversas manifestações de uma crise que é estrutural [15]. Ao mesmo tempo, Santos nos fala de um fenômeno que ele denomina de confusão de espíritos, explicando que, de forma resumida, as diversas teorias, insistentemente reproduzidas pela informação despótica fazem com que os indivíduos, confusos (na medida em que as teorias e produtos em geral encontram-se balizados por discursos científicos dados pela apropriação da ciência pelo capitalismo), não questionem mais ou reflitam sobre o que é certo e o que é errado.

E assim, assistimos à imensa maioria da população que, afastada dos centros de decisões e controle pelo funcionamento excludente desta nova lógica capitalista, e incapaz de compreender mesmo seus princípios neoliberais, não encontra pontos de referência para se tornar agente de influência política no processo global.

Desta forma, buscando realizar uma melhor reflexão e entendimento a respeito do referido processo, somos levados a concordar com Santos [15] quando este nos afirma que para entender o mundo real, e não correr o risco de cometer enganos frente aos obstáculos dados ao entendimento, precisamos considerar que este passa a se apresentar a nós sob três formas; um mundo como é, uma fábrica de perversidades; um mundo como nos fazem crer, permeado de fabulações; e um mundo como possibilidade, uma outra globalização. Devemos ter em mente, desta forma, que este apresenta um caráter funcional perverso, responsável por criar um maquinário ideológico que funciona no sentido de obscurecer a realidade, criando a referida sensação de inevitabilidade, e possibilitando a lógica capitalista legitimar sua ordem.

O mesmo autor discorrendo, então, sobre o caráter perverso do referido processo, nos alerta que devemos considerar em primeiro lugar a tirania do dinheiro e da informação. Ambas

juntas fornecem as bases do sistema ideológico que legitima as ações mais características da época e, ao mesmo tempo, buscam conformar, segundo um novo ethos as relações sociais e interpessoais, de maneira que desencadeiam outros fenômenos/processos, influenciando mesmo o caráter das pessoas.

O despotismo por parte da informação se estabelecerá na medida em que os poucos atores detentores das técnicas informacionais utilizam estas de acordo com seus interesses particulares, manipulando as informações que são entregues ao leitor na forma de ideologias, que mascaram o evento e possibilitam o desenvolvimento e estabelecimento de fábulas e mitos, constituintes de "um subsistema ideológico sem o qual a globalização, no seu formato atual, não se explicaria" [15].

Ao mesmo tempo, o dinheiro só se torna violento e tirânico porque é servido pelo sistema técnico das comunicações, uma vez que, o despotismo por parte do dinheiro se estabelece graças ao desenvolvimento do setor financeiro e a monetarização da vida cotidiana, que possibilita a ascensão do dinheiro em estado puro, recriando seu fetichismo pela ideologia" [15]

Assim, diante dessa dupla tirania, inerente à nova forma de configuração espacial da lógica capitalista - a globalização - vemos emergir questões como a homogeneização dada pela imposição de valores e ideologias e a produção de um mercado global para atender estritamente à lógica do capital, que se dá, quase sempre, por meio da adoção por parte dos governos nacionais, de um modelo de desenvolvimento baseado na ideologia capitalista burguesa (modernista) que se traduz em mero crescimento econômico atrelado a uma modernização tecnológica que geralmente resulta no agravamento dos problemas sociais, mas que devido à confusão dos espíritos que se estabelece é exportado e reproduzido como se constituísse um único caminho possível; um modelo único.

O que se percebe, como nos coloca Ianni [9], é que "a reflexão e a imaginação não só caminham de par em par, como multiplicam metáforas, imagens, figuras, parábolas e alegorias destinadas a dar conta do que está acontecendo, das novas realidades não codificadas, das surpresas inimaginadas", na medida em que, diante da necessidade de justificar sua lógica contraditória e destrutiva, o capitalismo cria, através de seus principais agentes que detêm o monopólio da produção de informação, uma série de falsas teorias, discursos e ideologias que atuam no sentido de criar conformismos e manter a lógica. Desta forma, a globalização é perversidade porque obscurece o entendimento da situação, dificultando seu entendimento e a tomada de consciência a respeito do processo por parte dos indivíduos, enaltecendo a ordem e complicando a tarefa de sua transformação [15].

Ou, de acordo com o que nos apresenta Tavares [17], o fato é que tal processo se desenvolve multiplicando e estabelecendo, como verdade, fantasias cuja repetição, entretanto,

acabam por se tornar uma base aparentemente sólida para sua interpretação e entendimento. Desta maneira, se percebe a necessidade de formar uma consciência espacial coletiva para a prática da cidadania. Consciência espacial como sinônimo de perceber o espaço como elemento importante de nossa organização social, presente em nosso cotidiano. Cidadania entendida aqui como uma pessoa que, sabendo de seu mundo, procura influenciá-lo, organizando-se coletivamente na busca, não só de seus direitos, mas, também, lutando por uma organização da sociedade mais justa e democrática [4].

O neoliberalismo, por sua vez, brota de uma restauração das velhas idéias do individualismo como valor exclusivo nas relações humanas. Permeados por tal processo somos bombardeados por idéias e valores que justificam e legitimam os novos processos, fenômenos e políticas globais desencadeados, por mais destrutivas e excludentes que elas sejam. A hegemonia do pensamento econômico neoliberal, mais do que explicar processos estabelece e multiplica ideologias, sentidos, valores e etc., de tal modo que consegue quebrar resistências e criar um clima cultural favorável à saúde dos negócios, mesmo à custa dos mais diversos ideais inerentes a uma ética humanitária.

O processo de globalização, como vem se realizando atualmente, carrega uma visão economicista e reducionista da realidade humana, o que não significa necessariamente que não seja portadora de valores. Porém, acreditamos que o entendimento a respeito de sua lógica funcional é o melhor caminho para se fugir a seu discurso e sua aparência falsa e perceber, na desanimadora realidade, uma alternativa possível.

Deste modo, o fato é que sem essas fábulas e mitos, esse período histórico não existiria como é, assim como também não seria possível a violência do dinheiro. É com base nesta conclusão que este trabalho aponta para a questão da escola e da Geografia enquanto ciência escolar.

Acreditamos que é crucial a necessidade de se trabalhar melhor as idéias para refutar o senso comum criado pelo neoliberalismo e suas fabulações, combatendo seu aspecto conformador e perverso, de modo a abrir a possibilidade de se almejar, para o futuro, um novo horizonte mais humano. Para tanto, é fundamental viver a própria existência como algo de unitário e verdadeiro, mas também como um paradoxo: obedecer para subsistir e resistir para poder pensar o futuro [13].

5- A questão da escola

Não é de agora que a função da escola é discutida. Não podemos deixar de considerar as contribuições ao debate trazidas por importantes sociólogos da educação como Bourdieu, Gramsci e o próprio Marx que, de uma maneira geral, nos apontam que a instituição escolar que deveria contribuir para tornar o aluno um indivíduo autônomo, crítico e capaz de se relacionar

positivamente com os outros e com o mundo, termina por uniformizá-los, limitando-os a meros espectadores/ reprodutores da realidade e da ordem vigente. A propagação de mitos sociais, como o mito da igualdade de oportunidades, da liberdade, do progresso, serviriam como que ferramentas ideológicas, atuando no sentido de obscurecer o verdadeiro funcionamento do sistema e manter o status quo.

Assim, em última instância, a escola considerada por pedagogos e filósofos modernos como um instrumento para a libertação do homem e para o progresso social, coloca-se, a exemplo do Estado, a serviço do mercado, atuando no sentido de promover os indivíduos das classes sociais dominantes e reproduzir a estrutura social; reproduzindo/transmitindo idéias e atitudes que tendem à conservação da ordem social e que fazem com que as pessoas, historicamente formadas no respeito à autoridade e no temor e incompreensão diante da mudança, não desejem que a situação seja modificada e sintam-se muito mais seguras com as coisas da forma como estão [6].

No entanto, os mesmos autores também nos apontam que a mesma escola, que apropriada e inserida no modelo capitalista de produção, também teria uma funcionalidade possível, na medida em que teria o potencial de se tornar uma ferramenta de libertação para os indivíduos, pela sua característica que lhe é quase que exclusiva de estar atuando incisivamente na formação dos indivíduos e, portanto, ser capaz de deflagrar profundas mudanças estruturais, que, no entanto, exigem um longo prazo para efetivarem-se.

Assim, discorrendo sobre a tecnologia e a educação tecnológica, Carvalho [3] acentua que no mundo globalizado existe uma grande força no sentido de fortalecer as desigualdades sociais. Esta força poderá ser atenuada a partir de uma ação educacional que trabalhe nos educandos uma percepção da realidade como um todo; uma ação que seja mais humanista e abrangente, que transmita os conhecimentos tecnológicos e informacionais necessários ao desenvolvimento, que promova também a capacidade de criatividade e inovação dos indivíduos, sendo ao mesmo tempo crítica; uma ação que direcione para o conhecimento das diversidades culturais, do respeito às identidades, e da aceitação do multiculturalismo, além da possibilidade de uma vida humana e pacífica sobre o planeta.

Entendemos que neste ambiente de globalização, o ensino fica vinculado a um mercado muito competitivo que se modifica em função do avanço tecnológico frequente e constante. Por outro lado, na medida em que há um caráter espacial em toda prática social, há um caráter social da espacialidade, de tal forma que o conhecimento geográfico é, a cada dia mais, indispensável à formação de indivíduos participantes da vida social à medida que propicia o entendimento do espaço geográfico e do papel desse espaço nas práticas sociais [5].

Percebe-se, deste modo, que dentro de um contexto de reestruturação educacional, a Geografia assume papel extremamente importante na busca de uma outra possibilidade para a existência humana que não esteja centrada na mercadoria, na medida em que esta é capaz de apreender (ainda que nunca totalmente) e propor um novo uso para as técnicas no espaço, possibilitando o entendimento do estado do presente para mudar o futuro, na produção de uma organização socioespacial mais condizente com os anseios humanos.

Assim, é indiscutível que a Geografia muito pode contribuir, através do trabalho com seus conteúdos, a fim de se mudar a lógica mercantilista inerente à realidade socioespacial globalizada. No entanto, esta, como as outras ciências, tem se baseado em princípios inerentes à lógica modernista como o da simplificação e o da causalidade e sob a pretensão de entendimento total do mundo, de tal forma que tem enfrentado grandes problemáticas na transição para o momento atual, onde o aumento da velocidade e da complexidade dos processos abala todo tipo de rigidez.

6 - A questão da Geografia

A insistência, neste trabalho, na importância do papel da escola e particularmente do papel da Geografia na formação ideológico/cidadã vem da percepção de que se quisermos contribuir para a existência de indivíduos livres, autônomos e críticos, é muito importante fazer com que eles entendam a sociedade em que vivem nos seus diferentes aspectos e o seu próprio papel dentro dela. É, então, imensamente importante que as crianças aprendam a entender a sociedade e que sejam capazes de analisar os fenômenos sociais e de vê-los criticamente [6].

Assim, na busca de uma análise a respeito da atuação e da funcionalidade da Geografia temos que considerar as críticas inerentes à instituição escolar, situando-a no contexto político, social e econômico do mundo, e em especial do Brasil, enquanto país capitalista periférico. Aqui, alguns pontos devem ser colocados, a fim de que se possa esclarecer algumas questões que se percebem presentes e realizar alguns apontamentos de caminhos a serem seguidos.

Um primeiro ponto deve ser relacionado ao método de ensino geográfico, ou seja, a maneira como se irá abordar a realidade. Diversos são os autores que têm discutido o fato de que, em geral, a geografia ministrada nas escolas de ensino fundamental e médio, extremamente comprometida com uma visão descritiva, fragmentada e simplista dos fatos sociais, não tem conseguido trabalhar e colaborar para o entendimento da complexidade dos processos, fenômenos, formas etc., inerentes à realidade socioespacial, agora ainda mais complexificados pela lógica globalizante, porque incapaz de analisar e de construir um conhecimento do espaço que conduza ao seu sentido, sem desagregá-lo e sem dualismos, geralmente apresentando seus conceitos de forma a-histórica, abstrata e neutra.

Os conteúdos tratados devem estar referenciados ao real, e mais do que isso devem buscar se aproximar da realidade do aluno, fugindo ao objetivo de explicitar o conteúdo por ele mesmo, fazendo com que os alunos percebam a integração entre estes a partir de uma lógica maior, e mais do que isso se percebam enquanto atores do processo em curso. Assim, a Geografia deve buscar novas práticas pedagógicas, que permitam a transmissão do conhecimento de maneira mais integrada e que propicie a ação social.

Deve, portanto, reconhecendo a impossibilidade de neutralidade no processo educacional, ser ativista por excelência, e priorizar a desmistificação em sala de aula das falsas teorias, paradigmas e ideologias, que são atualmente consolidadas pelos meios de comunicação de massa, e que em geral apresentam uma concepção acerca das transformações em curso, criadas (e impostas) pela ideologia dominante. Afinal sabe-se que, em geral, este caráter perverso, criador de conformidades, encontra espaço na precária construção, na escola, de um conhecimento mais eficaz que vise um entendimento mais integrado e autônomo a respeito da realidade e que permita a este encontrar, na essencialidade, fatos, parâmetros de identificação, distinção e entendimento a respeito do que realmente informa e o que aliena, bem como formas de atuação.

Consequentemente, esse avanço exige profissionais capazes e com aptidão intelectual para adaptar técnicas e até mesmo mudar de função ou profissão no decorrer de sua atuação, o que requer uma formação tecnológica que contemple uma sólida base humanista de modo a permitir uma boa integração interpessoal, um bom relacionamento humano, a adaptabilidade a novos e diferentes ambientes de trabalho, repletos de peculiaridades.

Assim, tão diversos e complexos são os problemas e constrangimentos a serem discutidos no que diz respeito a este tópico, que em se tratando de um trabalho em desenvolvimento, se demonstra mais adequado adiarmos esta discussão para um outro momento. Podemos adiantar, no entanto, que nos parece claro o fato de o conteúdo das aulas de geografia que se constituem no estudo do mundo, das configurações territoriais, da organização do espaço e das disputas de poder, bem como das formas de tratar a natureza, devem ser trabalhados de maneira a corroborar na construção da cidadania do indivíduo, bem como de um conhecimento mais autônomo e integrado (sistêmico) a respeito da realidade mundo.

7 - Considerações finais

As extremas deficiências do modelo atual de se conduzir um progresso sustentável na sociedade do consumo, origina-se na imposição de que o valor máximo de um ser é seu poder de compra, de manutenção dos meios de reprodução e do modo convencional de viver, colocando de lado valores ético-morais e filosófico-espirituais, que dão, via de regra, condições de transcender ao oferecido (ou imposto), de forma autônoma e essencialmente humana.

Logo, se caracteriza como primordial a necessidade de uma mudança urgente de paradigma, mas que talvez não seja na técnica e sua reprodução, mas na aplicação desta nas sociedades; na forma pela qual se conduz o pensamento do indivíduo, que afinal de contas deve recuperar seu livre-arbítrio e sua capacidade de extrapolar os ditados, culminando em uma consciência solidária.

Deste modo, a nível de uma relativa conclusão, parece-nos ter ficado claro a estreita relação existente entre a questão da perversidade discutida, inerente ao processo atual de globalização, e a alienação dos indivíduos, que carentes de uma formação mais sistêmica a respeito da complexidade da realidade mundo, aceitam como verdades tudo que lhes é dado e se submetem, sem questionar, à lógica capitalista globalizada e destrutiva. Assim, neste momento em que os indivíduos se vêem “bombardeados” de informações pelos meios de comunicação, é perceptível que fica a desejar dentro de sua formação escolar algumas construções teóricas alternativas que propiciem o exercício de um pensamento articulador (porque sistêmico), e que seja responsável pela construção de um quadro geral onde as dinâmicas envolvidas possam ser interpretadas de maneira simultânea e interligada, permitindo uma melhor compreensão da complexidade inerente à realidade-mundo, e a construção de perspectivas alternativas para esta globalização perversa.

O espaço, enquanto categoria analítica central da geografia, deve ter seu entendimento construído como um arranjo proveniente do somatório de transformações oriundas das várias atividades sociais. Afinal, o espaço geográfico está em suas múltiplas concepções desenvolvendo-se permanentemente em nosso cotidiano, justificando assim a necessidade premente de se desenvolver um entendimento articulado deste, de modo a estimular, nos indivíduos, um conhecimento decodificador, capaz de relacionar, analisar, criticar e interpretar as relações constituidoras das estruturas que nos rodeiam.

O pensamento único, no entanto, se posta contrário a tudo que é humano. O motor que dita a forma pela qual os indivíduos devem se portar, agir, conviver gera uma sociedade da forma, na qual o ter supera o ser, uma sociedade paranóica em torno da competição desenfreada, afastando o ideal intrínseco de liberdade, alimentado pela humanidade. E é por crer na produção de um homem desumanizado a partir da técnica, subjugada ao mercado, é que buscamos, via de regra, o trabalho com as conceituações, o desenvolvimento e as propostas apresentadas.

Assim, parece coerente finalizar afirmando que as imposições estabelecidas pelo sistema atual, ao contrário da forma inevitável como vêm sendo apresentadas, podem ser discutidas, alteradas e mesmo evitadas, através da formação de uma consciência que busque acima de tudo a criação e desenvolvimento de uma lógica contra-hegemônica. No entanto, esta tarefa se apresenta por demais complexa, sendo imprescindível, como base de sustentação, uma instituição escolar que possibilite a construção de um conhecimento integrado e sistêmico da realidade mundo.

Ao mesmo tempo, e por fim, cabe buscar uma nova função para o conteúdo geográfico que é transmitido a todos os indivíduos, na medida em que “o pensamento geográfico articulado abre-se como possibilidade explicativa necessária para a construção de uma realidade socialmente mais justa, e para a construção de um Brasil mais democrático, onde o território seja de fato um bem comum, um patrimônio nacional apropriado em benefício do conjunto da nação” [11].

8 – Referências Bibliográficas

- 1 - BRAUDEL, F. **A dinâmica do capitalismo**. Lisboa: Editora Teorema. 1985. 123p.
- 2 - CALLAI, H.C. **O ensino em estudos sociais**. 2. ed.rev. Ijuí, Rio Grande do Sul: Editora Unijuí. 2002. 150 p.
- 3 - CARVALHO, M. G. **Tecnologia, desenvolvimento social e educação tecnológica**. In: **Educação & Tecnologia**. Revista Técnico-Científica dos programas de Pós-Graduação em Tecnologia dos CEFETs PR/MG/RJ. 1. ed. Curitiba, 1997, 143 p.
- 4 - CASTROGIOVANNI, A.C. (org.); CALLAI, H.C.; KAERCHER, N.A. **Ensino de Geografia, Práticas e Textualização no Cotidiano**. 4. ed. Porto Alegre: Editora Mediação. 2005. 172 p
- 5 - CAVALCANTI, L.S. **Geografia, escola e construção de conhecimentos**. Campinas, SP: Editora Papirus. 1998. 192 p.
- 6 - DELVAL, J. **Crescer e pensar: a construção do conhecimento na escola**. Porto Alegre: Editora Artes Médicas, 1998. 245 p.
- 7 - DINIZ, M.S. **Do espaço vivido ao ensinado - o desafio do ensino da geografia no 1º grau**. Rio de Janeiro, 1989. 229 p. Dissertação (Mestrado) - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.
- 8 - HARVEY, D. **Condição pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural**. 9. ed. São Paulo: Editora Loyola, 1992. 349 p.
- 9 - IANNI, O. **Teorias da globalização**. 10. ed. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2002.
- 10 - MORAES, A.C.R. **Geografia. Pequena História Crítica**. 19ª. ed. São Paulo: Annablume, 2003. 125 p.
- 11 - MORAES, A.C.R. **Território e história no Brasil**. 2. ed. São Paulo: Editora Annablume, 2005. 154 p.
- 12 - RUA, J. et al. **Para ensinar geografia: contribuição para o trabalho com 1º e 2º graus**. Rio de Janeiro: Editora Access. 1993. 311 p.
- 13 - SANTOS, M. **A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção**. 4. Ed. São Paulo: Editora EDUSP. 2002. 384 p.
- 14 - SANTOS, M. **Espaço e método**. São Paulo: Editora Nobel. 1985. 88p.
- 15 - SANTOS, M. **Por uma outra globalização**. 11. ed. Rio de Janeiro: Editora Record. 2004. 174 p.
- 16 - STRAFORINI, R. **Ensinar Geografia. O desafio da totalidade-mundo nas séries iniciais**. São Paulo: Editora Annablume. 2004. 188 p.
- 17 - TAVARES, M.C. **Destruição não criadora**. Rio de Janeiro: Editora Record. 1999.